

A economia do país nas mãos de poucos

JORNAL DO BRASIL

Brasil

Em segmentos estratégicos, como bancos, cimento e aviação civil, poucas empresas controlam mais da metade do mercado

LARISSA MORAIS

O excesso de concentração está atrapalhando a concorrência em vários importantes segmentos da economia brasileira. Segundo especialistas, isso ocorre na telefonia, nas indústrias da cerveja, do chocolate e do cimento, bem como nos setores aéreo e bancário.

Em todos os exemplos, os cinco maiores grupos detêm mais de 50% do mercado. Na telefonia local, de norte a sul do país há sempre uma única empresa com mais de 95% de participação. No segmento da cerveja, só uma companhia, a Ambev-Interbrew, possui 63,2% de *market share*. Na área de planos e seguros-saúde, 9% das empresas existentes atendem 25 milhões de pessoas, ou 68% do mercado.

Não resta dúvida de que a economia brasileira é oligopolizada. E esse é um processo que vem se agravando – afirma Ronaldo Fiani, professor de Regulação e Defesa da Concorrência do Instituto de Economia da UFRJ.

Para ele, o argumento de que o país precisa de grandes corporações para concorrer no mercado internacional não se aplica na maioria dos casos.

Só se justifica um nível elevado de concentração se não há barreiras de entrada num determinado setor. Além disso, o monopólio no Brasil não garante necessariamente o sucesso no exterior – analisa.

A discussão está na ordem do dia. Duramente criticado por permitir a fusão entre a Brahma e a Antarctica que, em 2000, permitiu a criação da Ambev, o Cade proibiu no mês passado a aquisição da Garoto pela Nestlé. Juntas desde 2002, as empresas detêm 56% do mercado de chocolates.

Diferente do que houve no caso da criação da Ambev, no que diz respeito ao chocolate o Cade está defendendo a concorrência – afirma Edgard Pereira, professor de Economia Industrial da Unicamp, para quem a concentração não é negativa em todos os setores. – O setor aéreo, por exemplo, não comporta o atual número de empresas. Por outro lado, ao permitir o acordo operacional entre a TAM e a Varig para a ponte aérea Rio-São Paulo, o governo ajuda as empresas mas prejudica o consumidor.

Teixeira concorda: – O governo está abençoando um cartel sob o pretexto de salvar alguns empregos.

Juntas, TAM e Varig detêm 64% do mercado.

No setor financeiro, as cinco maiores instituições (Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco, Itaú e Unibanco) controlam 52,8% do mercado.

De fato, existe grande concentração no setor que tende a aumentar ainda mais, principalmente se a Área de Livre Comércio das Américas avançar ou houver maior integração entre os países do Mercosul – avalia Gustavo Pedreira, analista da ABM Consulting.

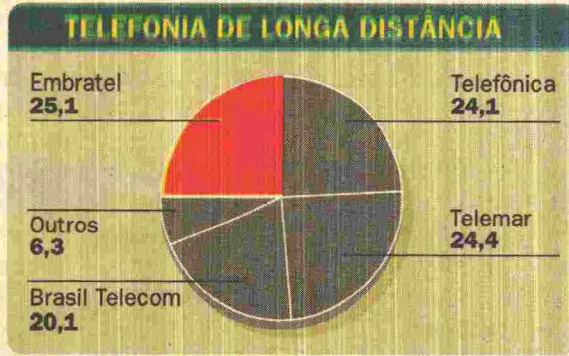
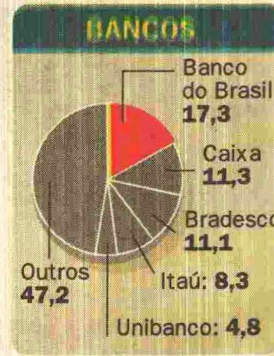
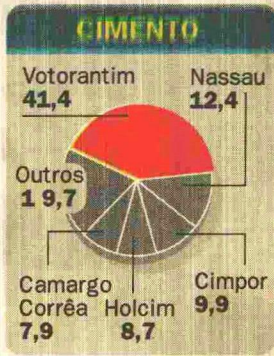
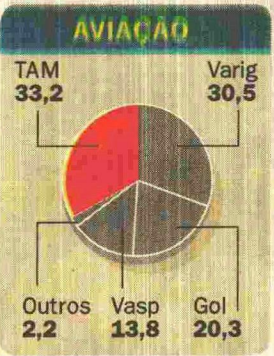
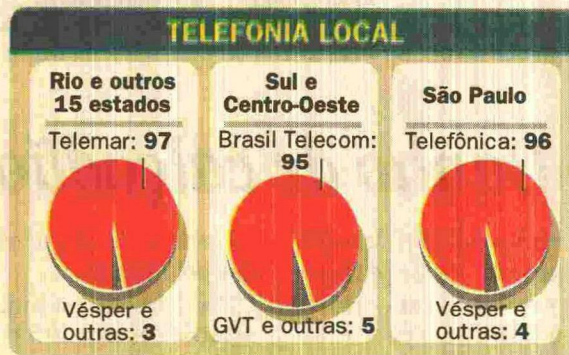
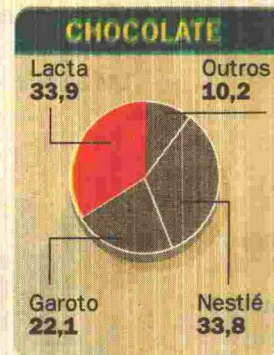
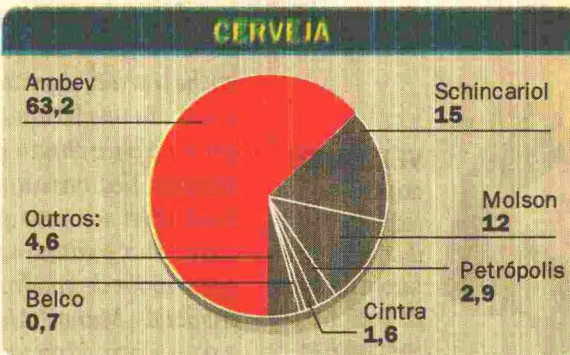
Arilton Teixeira, do Ibmecc, aponta o setor de cimento como um dos mais oligopolizados. Só a Votorantim detém 41,4% de participação no mercado nacional.

Fiani acrescenta que a existência de poucas empresas com grande fatia de mercado facilita a formação de cartéis.

É difícil organizar um cartel de 200, 300 empresas, mas com duas ou três empresas dá para combinar um assunto numa reunião de clube.

larissa.morais@jb.com.br

Mercado concentrado



Fontes: Instituto AC Nielsen, Anatel, DAC, Sindicato do Cimento, ABM Consulting e Abras.